



# BAUXITA: SONHO OU REALIDADE?

EDITORIAL &gt;&gt; Censo Demográfico em Rondon do Pará

# DESAFIOS ÉTICOS E INFORMACIONAIS NAS REDES SOCIAIS

O RONDON NOTÍCIAS REAFIRMA SEU COMPROMISSO COM A VERDADE, ÉTICA JORNALÍSTICA E A BATALHA CONTRA A DESINFORMAÇÃO, PROMOVENDO UMA COMUNIDADE INFORMADA E CRÍTICA EM RONDON DO PARÁ

A crescente proliferação de perfis no Instagram voltados para notícias, ou o que podemos chamar de pseudonotícias, levanta sérias preocupações quanto à qualidade e ética jornalística, especialmente em âmbito local. Este fenômeno nos obriga a refletir sobre a prática jornalística contemporânea, considerando problemas como a falta de apuração, sensacionalismo, disseminação de desinformação e ligações políticas, desafiando os princípios fundamentais estabelecidos no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

O Código, em seu capítulo I, reforça o direito fundamental do cidadão à informação, destacando que a produção e divulgação da mesma devem ser pautadas pela veracidade dos fatos e pelo interesse público. No entanto, nos deparamos com matérias veiculadas nas redes sociais que desrespeitam esses princípios, colocando em xeque a ética do jornalismo, especialmente em tempos de desinformação sistemática.

Ao observar a pesquisa de Javorski *et al.* (2022), realizada em Rondon do Pará, que revela que 89% da população

jovem, composta por indivíduos de 15 a 29 anos, acessa o Instagram e 78,9% obtém notícias sobre suas cidades por meio das redes sociais, a dimensão do desafio se torna ainda mais evidente. A formação de opinião e a construção de narrativas estão cada vez mais influenciadas por plataformas digitais, destacando a necessidade urgente de garantir a veracidade e a ética nas informações compartilhadas. “De acordo com vários estudos, em muitas partes do mundo, o engajamento dos jovens com dispositivos móveis significa que eles obtêm a maioria das notícias por meio de aplicativos de bate-papo, mídias sociais e, ocasionalmente, sites e blogs tradicionais. Em muitos deles, há pouco ou nada para sinalizar o que é jornalismo respeitável e o que é reportagem amadora, e muito menos o que é desinformação” (ABU-FADIL, 2019).

O compromisso fundamental do jornalista, conforme estabelecido no Código de Ética (capítulo I, artigo 4º), é com a verdade no relato dos fatos. Contudo, observamos uma preocupante tendência de disseminação de informações

"O engajamento dos jovens com dispositivos móveis significa que eles obtêm a maioria das notícias por meio de aplicativos de bate-papo, mídias sociais e, ocasionalmente sites e blogs".

**MAGDA ABU-FADIL**

Autora em Jornalismo e Desinformação

mórbidas e sensacionalistas, contrárias aos valores humanos, em especial nas coberturas de crimes e acidentes. Isso demanda uma reflexão sobre como os profissionais de comunicação têm abordado essas questões e se têm, de fato, cumprido o papel essencial de informar de maneira ética. “O jornalista não pode divulgar informações: II - de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes” (CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS, 2007).

Nesse contexto, as palavras de Magda Abu-Fadil (2019) ressoam como um chamado à ação. A necessidade de desenvolver um ceticismo saudável em relação às informações consumidas é crucial. A alfabetização midiática se apresenta como uma ferramenta essencial para equipar as pessoas com habilidades críticas, permitindo a decodificação de mensagens e a avaliação da veracidade de relatórios, postagens e conteúdos diversos.

Rouba El Helou, Professora Sênior de Mídia e Pesquisadora da Universida-

de de Notre Dame - Líbano, destaca a importância de encontrar um equilíbrio entre a confiança nas fontes de notícias e a suspeita necessária para questioná-las. Isso ressalta a responsabilidade não apenas dos jornalistas, mas também dos educadores e da sociedade em geral, na promoção da literacia midiática como uma ferramenta essencial para o discernimento informacional.

Em última análise, enfrentamos um desafio coletivo: preservar a integridade da informação em um cenário digital saturado de pseudonotícias. Isso requer um comprometimento renovado com a ética jornalística, bem como esforços contínuos para promover a alfabetização midiática. Somente assim podemos garantir que a população, especialmente os jovens, esteja capacitada para consumir informações de forma crítica e contribuir para a construção de uma sociedade informada e responsável.

Diante do atual cenário de desafios éticos e informacionais nas redes sociais, o Rondon Notícias reafirma seu compromisso inabalável com os princípios estabelecidos pelo Código de Ética.

## CHARGE



## EXPEDIENTE

A produção desse jornal faz parte da Disciplina Laboratório de Jornalismo Impresso do 4º período do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação, do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas.

**Direção da Faculdade:** Marcelo Leite Barbalho

**Vice-direção:** Matheus Simões Mello

**Professora responsável:** Karolina Calado

**Estudantes:** Bruno Matias, Cristina Costa, Elisângela Cangussu, Jordânia Moreira, Júlia Freitas, Kauã Phillipe, Luciene Ferreira, Madu Dias, Marcelo Geovanni, Renata Ricelly, Reneida Nascimento, Rerison Monteiro, Thays Almeida e Thiago Daves.

**Endereço:** Rua Rio Grande do Sul, s/n., Rondon do Pará - PA, CEP: 68638-000

**Tiragem:** 500 exemplares



@rondon\_noticias



facebook.com/portalarondon-noticias



rondon-noticias.unifesspa.edu.br



ACESSE O PORTAL APONTANDO A CÂMERA DO SEU CELULAR PARA O QR CODE:



# FALTA UMA SECRETARIA DA MULHER EM RONDON DO PARÁ

Por Madu Dias

A ausência de uma Secretaria da Mulher em Rondon do Pará impacta na falta de segurança e assistência específica na conquista por igualdade de gênero e combate à violência contra a mulher, tornando contínuo a construção de uma cidade injusta e não igualitária.

Criada pela Resolução Federal Nº 31/2013, a Secretaria da Mulher é um órgão institucional que tem a função de assegurar a garantia de direitos a meninas e mulheres, proporcionando que tenham direitos tal qual os homens. Ela atua na construção de políticas e programas que previnem e combatem à violência contra a mulher, seja ela física, psicológica, moral, sexual e patrimonial - prevista na Lei nº 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha. A secretaria desenvolve campanhas e projetos com o intuito de conscientizar e educar meni-

nas e mulheres sobre as questões de gênero e empoderamento feminino.

Quando existe esse déficit, como a ausência desse órgão político, o índice de denúncias torna-se menor, não pela falta de casos de violência, mas pelo fato das vítimas não se sentirem seguras, pela carência de assistência durante e depois da denúncia.

Vitória, nome fictício solicitado pela fonte para resguardar a sua identidade, foi assediada na frente da sua escola por um menino da sua classe. Ela relata que demorou alguns dias para contar aos seus pais e tomar as providências cabíveis “Quando aconteceu, eu fiquei paralisada, não sabia como reagir e nem o que fazer, eu fui chorando para casa, me culpando porque sabia que por eu ser menina e não ter provas, dificilmente as pessoas iriam acreditar em mim. Só de lembrar me dói, eu não sabia onde

eu poderia pedir ajuda, porque eu tinha na minha cabeça que depois de denunciar eu ia ver ele novamente na escola”, relata.

A mulher pode recorrer a outros lugares de apoio e proteção, como o Centro Especializado de Assistência Social (CREAS) em Rondon do Pará, que é uma unidade pública que oferece assistência social a pessoas que vivenciam situações de violação de direito ou violência.

Francisco Magalhães, coordenador do CREAS, reforça os caminhos para a realização de denúncias. “Quem sofreu a violência pode vir até aqui de forma espontânea, onde a própria vítima solicita o acompanhamento. Em casos de crianças ou menores, o Conselho Tutelar pode direcionar. A denúncia pode vir da delegacia, de alguém próximo que liga para relatar a violência, do ministé-

rio público ou judiciário”, comentou.

O CREAS é um serviço não muito conhecido pela população rondonense, por não ser um órgão específico, não possui projetos para atender somente a mulher. “A assistência específica à mulher o município está devendo, porque sabemos hoje que já era para ter em Rondon do Pará um local especial para que a mulher pudesse ser atendida com mais liberdade. Acho que o que mais oculta a mulher de denunciar a violência sofrida é não ter um local dela para se sentir acolhida”, ressalta Magalhães.

O Rondon Notícias buscou registros de casos de violência contra a mulher na delegacia do município, mas não houve respostas. Existem muitos casos, mas poucas denúncias. “Eu entrei em 2021, e, desde então, no CREAS, eu atendi uma mulher com caso de violência”, destaca Francisco.

“O que mais oculta a mulher de denunciar é não ter um local dela para se sentir acolhida”.

FRANCISCO MAGALHÃES  
Coordernador do CREAS

# CONDIÇÕES PRECÁRIAS E RISCOS INVISÍVEIS MARCAM O TRANSPORTE DE VANS EM RONDON DO PARÁ

Por Kauã Phillipe e Thiago Daves

“Conforto e Segurança” são geralmente as promessas que as empresas de transporte costumam oferecer à população, e é isso que os passageiros costumam esperar durante a viagem ao embarcarem, porém o transporte de vans em Rondon do Pará se torna um pouco controverso nesse quesito. Os usuários desses veículos alternativos anseiam por, no mínimo, um conforto básico, mas a situação que se deparam são vans frequentemente superlotadas, que comprometem a sua segurança e o seu bem-estar. Além disso, a falta de fiscalização adequada permite que algumas dessas conduções operem de forma precária, ignorando as normas de segurança e desrespeitando os direitos dos passageiros.

Rondon do Pará, desde 1998, conta com uma cooperativa própria para fazer o controle de vans que transitam pelo município. A Cooperativa Rondonense de Transportes Alternativos (Coorovan) foi criada para suprir a necessidade de empresa de transporte na cidade.

Maurício Pereira de Oliveira, presidente atual da Coorovan em seu quarto mandato, especifica o que ocasiona as problemáticas do transporte viário. “O papel da cooperativa é apenas de controlar os horários e dar o papel de autenticação para o tráfego dos veícu-

los”, diz. Segundo ele, cabe ao motorista cuidar de seus próprios veículos – as vans são compradas pelos próprios motoristas, não pela cooperativa, e todos os trâmites legais são eles que devem ir atrás – isso inclui: segurança, higienização e manutenção do carro.

De acordo com Oliveira, a fiscalização dos transportes passam por várias etapas em diferentes órgãos que realizam a vistoria, tais como o Departamento Estadual de Trânsito (Detran) e o Instituto Médico Legal (IML).

A atual gerente da Circunscrição Regional de Trânsito (Ciretran) – uma extensão do Detran voltado aos municípios - Natália Cordeiro, destaca que, todo ano, os motoristas precisam estar reavaliando os veículos e que eles precisam fazer uma vistoria de licenciamento. Por se tratar de um transporte de passageiros, os motoristas levam os veículos até o órgão, o vistoriador realiza a revisão com o intuito de ver se a respectiva van está apta para o tráfego e dá o assentimento de que o transporte está com as peças fundamentais funcionando. O serviço prestado pelo Detran nesse quesito de vistoria é apenas para licenciar as vans, e quem cuida da fiscalização no trânsito são o Departamento Municipal de Trânsito (Demutran), a Polícia Rodov-

viária Federal (PRF) e o próprio Detran.

O diretor do Departamento Municipal de Trânsito, Marcelo Miranda, diz que o órgão atua em casos específicos, como denúncias feitas pelos cidadãos, via e-mail. Miranda afirma que, nem em sua gestão nem nas anteriores houve uma ocorrência sobre as condições das vans. O diretor ainda afirma que o responsável pela fiscalização desses veículos de passageiros nas estradas está sob a incumbência da Agência de Regulação e Controle de Serviços Públicos, pois por serem transportes interligados ao estado, elas possuem “carta branca” para rodar no município.

Sobre a capacitação para se tornar um motorista de transporte de passageiros, além de ter a CNH da categoria D, também consiste em um treinamento realizado por uma empresa autorizada pelo Detran, que funciona como um curso de capacitação para esses profissionais; nele, acontece também instruções de primeiros socorros. O motorista só pode circular após concluir esse curso, que deve ser renovado a cada 4 anos. Na habilitação, é indicado todas as informações necessárias como, por exemplo, se o curso foi realizado, se o portador da CNH exerce atividade remunerada, entre outras.

A Arcom de Marabá realiza fiscalizações frequentes, verificando para-brisa, pneus e outros equipamentos fundamentais para a segurança dos passageiros, incluindo vistorias surpresa para combater transportes clandestinos. Conforme a Resolução nº 4.287/14, a viagem clandestina estará sujeita a apreensão do veículo por 72h e multa no valor de aproximadamente R\$ 7,4 mil.

Em relação ao aumento do preço das passagens, a Arcom é quem regula os valores periodicamente e já houve vezes em que o preço chegava a ser abusivo a ponto da Coorovan não repassar para os passageiros. Em nota, Eduardo Domont Costa, gerente da Arcom-PA, elencou as razões para o reajuste. Uma delas, é que o período para a atualização dos valores não pode ser inferior a um ano e a última desse ano foi em março de 2023, cujo percentual foi de 9,05%. “Há duas formas de conceder o ajuste anual das tarifas: planilha de custos ou inflação do período”, diz Costa. Atualmente o preço da viagem Rondon do Pará x Marabá é de R\$ 63,00.

Ercila Rosa Cruz, aposentada, fala um pouco da sua experiência nas viagens à Marabá de van, para visitar familiares, e conta que a van na qual embarca está boa, mas não completamente

inteira como deveria ser. Ela aponta que um dos fatores é o ar-condicionado que só funciona quando o dia não está muito quente. Ercila não concorda com a superlotação nos transportes e se sente desconfortável quando a capacidade máxima de passageiros é ultrapassada.

Com 75 anos, a aposentada diz que não acha justo o aumento das passagens e uma das condições que ela indica é o parcelamento delas. Ela também não sabia do seu direito à gratuidade do transporte - que é oferecido a pessoas idosas, como o próprio presidente da Coorovan disse em entrevista. Nunca lhe informaram, tampouco fizeram divulgação sobre esse direito dela e de todos os idosos com idade superior a 65 anos. A passagem integral em transporte intermunicipal também abrange outros grupos como pessoas com deficiência, entre outros. Estudantes têm direito a meia passagem, quando, no momento da compra, tiver em mãos a Carteira Estudantil.

Aponte a câmera do seu celular para o QRCode ao lado para ler a matéria completa no site Rondon Notícias.



# PROJETO BAUXITA RONDON GERA EXPECTATIVAS ECONÔMICAS

## MAIOR PROJETO DE MINA DE BAUXITA DO ESTADO DO PARÁ

Por Elisângela Cangussu, Luciene Ferreira e Renata Ricelly

O Brasil é atualmente o terceiro maior produtor de bauxitas do mundo, representando uma produção de aproximadamente 2,7 bilhões de toneladas, seguido do Vietnã (2,1 bilhões) e Jamaica (2 bilhões). 85% dessas reservas estão concentradas na região amazônica onde as bauxitas ocupam extensos platôs, segundo artigo de Saulo Batista de Oliveira; Marcondes Lima da Costa e Hércio José dos Prazeres Filho publicado na revista *Economic Geology*, em 2016. São três as principais minas de bauxita em operação no estado do Pará: duas estão localizadas na região de integração do Baixo Amazonas, nos municípios de Oriximiná (mina de Porto Trombetas) e Juruti (mina de Juruti), e a terceira na região de integração do Rio Capim, no município de Paragominas (mina de Paragominas), enquanto outras estão em fase de pesquisas, como a de Rondon do Pará. A Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), que faz parte da Votorantim Metais, empresa do Grupo Votorantim, pediu autorização do Governo para fazer pesquisas na área em 1974. O objetivo era conhecer esses depósitos de bauxita e saber da quantidade de minério existente em Rondon do Pará. Em 1980, os estudos mostraram que não era o momento de construir o empreendimento. Pesquisas intensificadas, a partir de 2005 por essa empresa, revelaram que as reservas de Rondon do Pará estão entre os sete maiores depósitos de bauxita de classe global, em termos de tonalidade de bauxita e quantidade de alumina aproveitável (Oliveira et al. 2016). A redescoberta desses depósitos instaurou inicialmente o Projeto Alumina Rondon pela VM, que projeta o desenvolvimento de uma mina de bauxita, uma unidade de beneficiamento de bauxita e uma refinaria de alumínio na região, com produção anual de cerca de nove milhões de toneladas de bauxita lavada e três milhões de toneladas de alumina.

Para o geólogo Antônio Emídio de Araújo Santos, Professor Doutor do curso de Geologia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, havia uma previsibilidade sobre a presença desses metais na cidade. “Já era de se esperar que nessa região de Rondon do Pará tivesse minério de bauxita, pela característica geomorfológica da região”, conta.

O professor universitário também descreve que a área onde está loca-



RENATA RICELLY

**REALIDADE>>** Construções abandonadas na Vila Santa Lúcia

lizada de Rondon do Pará, por ser muito similar a região de Paragominas no sentido estratigraficamente e geomorfológicamente, é um dos fatores controladores do desenvolvimento da bauxita. “A região é tectonicamente estável, que ficou durante muito tempo estabilizada e proporcionou um enriquecimento de alumínio nas camadas bauxitíferas das unidades estratigráficas do oligomioceno e pleistoceno”, enfatiza Antônio Santos.

Os depósitos de Rondon do Pará estão localizados na porção sudeste do estado do Pará. As lavras ficam a aproximadamente 60 km da cidade e contam com boa infraestrutura logística. O acesso a elas se dá por estrada não pavimentada a partir da rodovia BR-222, passando pela vila Santa Lúcia. A sede do município de Rondon do Pará está situada a cerca de 540 km ao sul da cidade de Belém-PA. As retomadas das pesquisas por parte da Votorantim Metais, a divulgação em sites de mineração e as tratativas com o poder público geraram na população de Rondon do Pará expectativas por

“Já era de se esperar que nessa região de Rondon do Pará tivesse minério de bauxita, pela característica geomorfológica da região”, conta.

**ANTÔNIO SANTOS**  
Geólogo

dias melhores. Era a oportunidade de geração de emprego e renda, era chegada a hora da cidade se desenvolver, os olhos do mundo estavam voltados para Rondon do Pará, um grande processo de transformação estava por vir. Idas e vindas, entraves e destraves, o Projeto Alumina Rondon começa ganhar forma, escritório aberto no município, mão de obra sendo gerada, trincheiras abertas, era o futuro próspero começando.

### CURSOS PROFISSIONALIZANTES

No período de 2012 a 2014, sob a gestão da ex-prefeita Cristina Malcher, foi um tempo de conquistas no que diz respeito ao projeto. O poder executivo buscou informações sobre os impactos ambientais causados no município, exigindo que condicionantes fossem acrescentadas ao projeto, buscando minimizar os impactos perante à população. Em meio às parcerias, há destaque para

a oferta de cursos técnicos profissionalizantes, Rondon do Pará, em um curto período, foi um dos municípios paraenses que mais qualificou mão de obra. Os cursos abrangeram as áreas de pedreiro de alvenaria, encanador, instalador predial, mestre de obra, eletricista, instalador predial de baixa tensão, armador de ferragem, técnica de controle para apontador de obra e carpinteiro de obra. Os cursos eram ofertados e ministrados através do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Projeto Alumina e Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC). De acordo com Sérgio Oliveira, na época, coordenador de Sustentabilidade do Projeto Alumina Rondon, o programa estava alinhado com o compromisso da empresa em desenvolver e qualificar a mão de obra da região. “Queremos construir uma cadeia de fornecimento de profissionais para o Alumina Rondon e para as demais atividades que serão geradas em função da implantação do projeto”, ressaltou. Na busca incessante pela qualificação e a esperança de uma boa projeção profissional, a população de Rondon do Pará também buscou a qualificação nas áreas de mineração, foi o caso da técnica em mineração, Rozana Alvez. “Quando começaram os rumores que a Votorantim viria para o município devido às pesquisas e que teria uma grande extração de bauxita no município, surgiu também a notícia que ia ter muita oportunidade de trabalho, porém, só contrataria mão de obra qualificada, e se não tinha no município teria que vir de fora, foi então que decidi fazer o curso de mineração. Fiz parte da primeira turma a concluir esse curso, com a esperança de que ia conseguir um trabalho em alguma empresa terceirizada da Votorantim, mas, até hoje, nunca se iniciou a exploração da bauxita e todo esse projeto continua no papel”, pondera Rozana. Assim como Rozana, outras pessoas acreditaram, investiram, se qualificaram e o sonho não saiu do papel. “Carrego um sentimento de tristeza, de, mesmo me qualificando, não ter conseguido trabalhar na área, eu não tive a oportunidade de ir embora do município. Um colega da minha turma foi embora, hoje ele trabalha para uma conhecida empresa de mineração e ganha muito bem por sinal”, acrescenta.

## A LICENÇA PRÉVIA

Após reuniões, visitas técnicas, viagens, o projeto de exploração da bauxita em Rondon do Pará, o Alumina Rondon, considerado o maior do mundo em andamento, teve a Licença Prévia (LP) concedida pelo Conselho Estadual do Meio Ambiente (COEMA), no dia 23 de abril de 2014, porém a entrega oficial ocorreu em cerimônia na cidade de Rondon do Pará, em maio de 2014. A conquista foi muito ovacionada por toda cidade e região. A cerimônia da entrega oficial da LP aconteceu no dia 23

de maio de 2014, na Quadra de Esportes “Dalton Nascimento”, mais conhecida como “Quadra da Escola Joselina”, no bairro Jaderlândia. O evento contou com a presença dos prefeitos que compunham a BR-222, vereadores, o prefeito da cidade de Dom Eliseu, o então secretário estadual de Meio Ambiente, José Alberto Colares, o gerente de Meio Ambiente da Votorantim, Carlos Gatti, o coordenador de Sustentabilidade do Projeto Alumina Rondon, Sérgio Oliveira, e toda comunidade local.

ACERVO PESSOAL



SOLENIIDADE>> Cerimônia de entrega da Licença Prévia. Foto: Acervo pessoal

## SAIU NA IMPRENSA

Após todas essas conquistas, os anos passam, as notícias são cada vez menores. Seria o fim do sonho, que sequer iniciou? Eis que, em 2021, notícias divulgadas em veículos de comunicação do setor de mineração e econômico voltam a causar expectativa na população do município de Rondon do Pará, no sudeste paraense. De acordo com o site Diário do Comércio, “a Companhia Brasileira de Alumínio (CBA) anunciou um pacote de investimentos de R\$ 4 bilhões até 2025 para ampliar a capacidade de produção de alumínio e aumentar a exploração de bauxita”. Na Revista Mineração, o “Projeto Bauxita Rondon” já tem todas as licenças prévias concedidas, as reservas auditadas e, agora, está na fase de viabilização do projeto. A capacidade de extração, prevista no projeto, é de até 18 milhões de toneladas por ano, e pode atender mercados como a China e países do Oriente Médio. Segundo o presidente da companhia, Ricardo Carvalho, “a expectativa é, na primeira fase, produzir 4,5 milhões de toneladas por ano e podemos aumentar a produção em módulos de 4,5 milhões de toneladas, até chegar a capacidade de 18 milhões anuais”. Em meio ao surgimento de novas informações, observamos a mudança no nome do projeto, o ex-

tinto “Alumina Rondon” passa a se chamar “Projeto Bauxita Rondon”.

## VILA SANTA LÚCIA

Mesmo com as “boas novas”, a população ainda aguarda algo mais real, no que tange a esse projeto grandioso. Os moradores da Vila Santa Lúcia, localidade conhecida como Jacú, e entorno das futuras instalações da mina de bauxita, esperam ansiosos por respostas. “No princípio, a Vila ficou num alvoroço, pois era a esperança de dias melhores para a região, mas, até então, não acon-

teceu nada, eles passam e não informam nada da atual situação”, declara Ivanir Guedes, moradora da Vila há 41 anos e proprietária da única mercearia do local.

O Projeto Bauxita Rondon criou um “boom” econômico em Rondon do Pará, em especial para a localidade de instalação da mina. Produtores rurais e empresários locais começam investir na comunidade, visando lucro com possíveis arrendamentos. Identificamos a construção de uma casa de alvenaria e kitnets, na Vila Santa Lúcia, ambas construídas com a finalidade de atenderem aos possíveis profissionais que atuariam na mina de bauxita. Atualmente a casa foi vendida e possui um novo proprietário, já as kitnets estão abandonadas.

RENATA RICELLY



VILA>> Ivanir Guedes, proprietária da mercearia na Vila.

## ESPERANÇA

# BAUXITA RONDON, SONHO OU REALIDADE?

Da janela de sua casa, Neuza dos Santos, ainda mantém o sonho de dias melhores para a Vila aceso em seu coração. “A minha expectativa na época foi grande, o meu sonho é a melhoria da estrada com o asfalto, porque está insuportável a poeira, e o tráfego de carro é muito grande. Mas a esperança eu nunca perdi, ainda acredito que vai vir e vai trazer benefício para a população”, conta Neuza. Marinalva Lopes\* é professora há 27 anos na comunidade da Vila Santa Lúcia, atua na Escola Pública Municipal Haéliton Andrade, diz ter criado grandes expectativas e passou a sonhar com o dia da mina em funcionamento, de melhorias para a comunidade escolar. “Mas, infelizmente, a realidade é outra, hoje a empresa não dá uma satisfação concreta, só diz que não sabe quando estará em ação. É o sentimento de se sentir enganada, pois acompanho essa história desde a época do meu pai, na década de 70”, desabafa a professora. Marilza Silva nasceu e vive na comunidade até os dias atuais, conta que sonha com dias melhores na comunidade e com a instalação da mina de bauxita,

ela acredita que o projeto vai se concretizar. “O sonho da vinda da mineradora ainda está aceso no meu coração. Meu maior desejo é melhorar a vila com asfalto e infraestrutura, pois não tem assistência do poder público. Só aparecem em época de eleição”, desabafa. A atual prefeita de Rondon do Pará, Adriana Andrade, conta que desde o início de seu mandato (2021-2024) tem realizado reuniões com os represen-

RENATA RICELLY



MORADORA>> Neuza exala esperança

tes da Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), buscando respostas sobre o andamento do projeto no município. O “Projeto Bauxita Rondon” é uma das alternativas financeiras para o município, dentre as suas atividades econômicas, para além da agricultura e a pecuária, tendo em vista o minério ainda preservado e não explorado. E uma das preocupações nossa enquanto gestão é preparar Rondon para receber”, destaca a gestora. Adriana Andrade lembra que, em 2007, participou de reuniões com representantes da Votorantim Metais (VM). Enquanto a secretária de Assistência Social também realizou cursos profissionalizantes para a população de Rondon do Pará, mas que, atualmente, opta pela discrição devido à grande expectativa criada em torno do projeto. “Fizemos vários cursos de qualificação em parceria, preparando o município com a mão de obra qualificada, já pensando na perspectiva de formação e qualificação de mão de obra, também de infraestrutura e de obras estruturantes para receber um projeto dessa magnitude, por que o projeto iria ter mais de seis mil e

“Esperança eu nunca perdi, ainda acredito que vai vir e vai trazer benefício para a população”, conta.”

NEUZA SANTOS  
Moradora da Vila

quinhentos empregos diretos e mais de onze mil indiretos. A gente não cria nenhum impulsionamento, especulação, pra não causar impacto de valores de imóveis no município”, ressalta Adriana. Após contato com a Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), obtivemos resposta. “A CBA - Companhia Brasileira de Alumínio - esclarece que o Projeto Bauxita Rondon está em fase de licenciamento ambiental e estudo de engenharia do projeto. Não há previsão de início de obras”, informa.

\*Informamos que a nossa fonte Marinalva Lopes faleceu após o fechamento desta reportagem. Resolvemos permanecer com a sua fala no texto como forma de ressoar sua esperança por dias melhores para região.

LEIA MAIS NO RONDON NOTÍCIAS. PARA ACESSAR O PORTAL, APONTE A CÂMERA DO CELULAR PARA O QR CODE AO LADO:



## GUSMÃO

# DESAFIOS E CRATERA NO COTIDIANO DOS MORADORES DO BAIRRO GUSMÃO

Por Cristina Costa e Thays Almeida

O período de chuva é o mais sofrido para os moradores do bairro Gusmão, que conta com pessoas de várias classes sociais, em Rondon do Pará, município do sudeste do Pará. Principalmente no inverno, as ruas ficam alagadas, o que dificulta a entrada e a saída dos moradores. É essa a realidade de Sueli Oliveira, 53 anos, que construiu a calçada da sua mercearia com meio metro de altura, na tentativa de impedir que a água invada sua casa. De acordo com ela, há mais de 20 anos, passa pelos mesmos desafios com a lama e o lixo, que o inverno traz para sua residência. No entanto, Sueli relata que tinha expectativas que esse ano de 2023 o cenário mudaria com a drenagem que teve início em 2022. Porém, o período de chuva está chegando e essa obra continua inacabada. “Tá pior ainda, qualquer chuvinha faz um buracão”, expõe Sueli.

Próximo à casa de Sueli, na rua Raul Silva, moram Aldenora, Júlio e Maria, em uma área que está sofrendo um processo de erosão intensa, onde rapidamente uma cratera está avançando e gerando riscos e prejuízos para a comunidade local.

Segundo Aldenora, que mora no bairro desde 1986, a situação é lamentável, pois, em sua família, existem crianças que ainda não compreendem o perigo. Além disso, questiona que não tem como fazer manutenção no carro devido à falta de estrada. “Eu me sinto prejudicada, pois estou com o carro quebrado, e já passou o verão inteiro e eu não consegui tirar o carro

porque não tem espaço, pois, na hora que for dar ré, ele cai no buraco”, relata.

A vizinha de Aldenora, Maria de Oliveira, de 57 anos, mora há mais de 30 anos na localidade e conta que a precariedade da rua Raul Silva não é um problema atual. “Quando eu cheguei aqui, não tinha esse buraco, veio uma firma e abriu mais, e o perigo está aí. Cada chuva que vem derruba mais a barreira. Que Deus segure minha casa que está no abismo”, disse.

Do outro lado, na residência de Júlio César, a cratera já começou invadir seu território, derrubando parte do muro. O morador relata que o buraco se formou devido ao acúmulo de água que desce de outros bairros do município. E que o problema se agravou quando a obra de drenagem começou a ser realizada na rua. Para tentar amenizar a situação, Júlio conta que as pessoas começaram a jogar lixo no local. Além disso, ele ressaltou que a rua está comprometida e que, se nada for feito, ela poderá desaparecer completamente. “As autoridades responsáveis já vieram aqui, já falaram, prometeram e nada”, fala.

Segundo a Doutora em Geoquímica e Evolução Crustal pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Cristiane Marques, o bairro é situado em um região de cota baixa, marcado por materiais frágeis, que estão sendo facilmente removidos por água. Os processos de intemperismo e erosão (retrabalhamento natural de rochas e solos), promovidos pela drenagem da água, são fatores poderosos que estão efetivamente atuando no local. “É perceptível que a aceleração

da ampliação da abertura da cratera é resultante das intervenções relacionadas ao saneamento urbano. As alterações feitas em subsolo, com introdução de manilhas, provocaram falhas no escoamento da água, gerando infiltrações, fragilizando o substrato e escoando o material (argila, areia, seixos etc.) com maior velocidade ao longo do tempo”, ressalta.

Mesmo que a população deseje colocar o lixo para tapar o buraco como afirma Júlio César, na prática, isso causa efeito reverso. A geóloga diz que essa disposição de lixo (plásticos, garrafas etc.) também impede o fluxo natural da água e corrobora com a aceleração do processo erosivo. “Na observação feita em campo, verifiquei que, mesmo sem chuva, o escoamento de água, através da tubulação com as manilhas, está ativo. Ou seja, a ação erosiva é permanente”, acrescenta.

Ademais, outras medidas já fo-

ram tomadas para tentar solucionar o problema. No dia 21 de outubro de 2019, foi solicitado pelo vereador Marcus Cabette o ofício (Nº 046/2019) para que o poder público desse mais atenção para o processo de erosão, pois a segurança das pessoas está comprometida, mas não obteve êxito.

Segundo a prefeita da cidade, Adriana Andrade, o problema do bairro Gusmão é de décadas, devido ser a parte mais baixa da cidade, mas que depois do início de sua gestão a localidade recebeu um pacote de obras de infraestrutura que está em andamento, e que a previsão de término depende da empresa que está no comando, mas é possível que antes do inverno acabar a drenagem esteja concluída. Além disso, relata a existência de oito áreas de crateras identificadas e inseridas no Programa de Aceleração de Crescimento (PAC). No

entanto, são problemas que vão além da renda do município e que necessitam ser financiadas. “O município não consegue, porque são valores surreais. A gente tem uma receita líquida de todas as obras que conseguimos executar, em sua maioria é com emendas parlamentares, governos federal e estadual”, comenta.

A especialista Cristiane diz que o problema pode ser solucionado, mas não é fácil e requer tempo. Por ser um local com vidas e propriedades em risco, a prioridade é garantir a segurança em todos os aspectos. “Um projeto de reconstituição não é simples, não é rápido e nem de baixo custo. Na área, as manilhas foram colocadas para escoamento da água passando pelo bairro. Ou seja, para que a água não provoque mais a erosão, será necessário fazer todo o levantamento das condições dessa tubulação e como ficará a continuidade desse escoamento. Assim, a ação que pode ajudar na desaceleração desse processo pode ser resumida da seguinte forma: 1) estudos sobre o problema; 2) intervenção imediata sobre a ação das águas superficiais e subterrâneas e 3) conscientização da população sobre suas ações e riscos”, explica.

Não há registros de quando essa cratera realmente teve início, contudo, o serviço de pesquisa de mapas e imagens de satélite, (Google Maps), mostra uma visualização de fotos da rua Raul Silva em 2011, e percebe-se que já havia dado início a uma erosão. Mas agora o ano é 2023, e as imagens fornecidas para os usuários do Google Maps ainda é de uma década atrás, mostrando a existência de uma rua que não existe mais.



BAIRRO>> Cratera no bairro Gusmão causa preocupação aos moradores

## SAAE EXPLICA OS MOTIVOS DA FALTA D'ÁGUA

Por Júlia Freitas

A dificuldade enfrentada pelos moradores da cidade de Rondon do Pará no acesso à água é evidente. Em algumas residências, há água em abundância, enquanto outras recebem apenas durante o dia, e há aquelas que precisam armazenar em baldes e garrafas, enfrentando intervalos de fornecimento que variam de dia sim para dia não, e até mesmo em períodos de até dois dias. Essa situação se torna uma batalha diária para manter a rotina de um lar.

Por mais que os moradores denunciem a má distribuição da água para os meios de comunicação e autoridades, nada efetivo foi realizado. Em resposta, as autoridades locais informam que a

arrecadação, apesar de significativa, mal cobre os custos de manutenção de um sistema criado há 39 anos, sem os investimentos necessários para acompanhar o crescimento populacional, além da inadimplência alta. O município, que antes era uma vila com cerca de 18 mil habitantes, hoje é uma cidade com aproximadamente 50 mil habitantes, e composto por diversos bairros, resultando em um sistema estagnado.

Em entrevista, a diretora Maria de Lourdes, responsável pelo Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) desde sua fundação em 1984, explicou que apesar de ser uma autarquia com monitoramento do poder público

municipal, o município não recebeu os investimentos necessários. A diretora acrescentou que o correto é todo mundo “ter água na torneira”, porém o município não recebeu investimentos como deveria e estagnou devido ao crescimento e aumento da população.

O aumento do consumo é atribuído principalmente às altas temperaturas e à escassez de chuvas. Mas, Maria de Lourdes assegura que não haverá falta d'água, mas sim uma redução na quantidade distribuída para cada bairro.

Uma moradora do Bairro Jaderlândia descreve a situação como catófica, ressaltando a piora constante no recebimento de água. No entanto,

moradores de outros bairros, como Bela Vista, não relatam problemas significativos no abastecimento. Outra munícipe, moradora do bairro Bela Vista, vizinho do bairro Jaderlândia, não reclama da falta d'água, pois recebe com frequência em sua residência.

No centro da cidade, a reclamação é sobre a entrega de água, que chega apenas duas vezes por semana, geralmente durante a madrugada. Isso é apontado como uma estratégia do SAAE para atender à demanda, pois durante o dia o sistema não consegue abastecer a cidade adequadamente.

A diretora administrativa do SAAE, Roselia Lopes, informa que o

município conta com cerca de 10 mil consumidores ativos, desses, 3 mil estão inativos e mais ou menos 13 mil são existentes, além de 4 poços de captação tubulares e profundos. Contudo, essa infraestrutura não é suficiente para atender à demanda e alternativas estão sendo buscadas para solucionar o problema.

Apesar de a água ser um direito e uma garantia social, o acesso eficaz tem sido problemático, exigindo uma solução urgente. A moradora do Bairro Novo Horizonte, Simone, expressa esperança de que o novo poço construído no bairro melhore a situação, já que receber água apenas duas vezes por semana não é suficiente.

# AGROECOLOGIA E RECONHECIMENTO NA AGRICULTURA FAMILIAR DE RONDON

Por Rerison Monteiro

Em Rondon do Pará, o projeto de acampamento Nova Canaã representa uma esperança concreta para dezenas de famílias que há muito enfrentam as adversidades da pobreza e a falta de oportunidades na região. O acampamento, que, em breve, será chamado Assentamento Nova Canaã, ocorrerá em um momento crucial, quando a comunidade local clama por uma solução para suas dificuldades econômicas e a escassez de recursos. Com a promessa de terra fértil e um futuro mais promissor, o projeto de Nova Canaã é como uma luz no fim do túnel para aqueles que há muito anseiam por uma mudança significativa em suas vidas. Enquanto o mundo busca soluções para a crise ambiental, o acampamento na região interiorana de Rondon destaca-se como um modelo inspirador de como a agricultura familiar pode ser não apenas economicamente viável, mas

também ambientalmente sustentável.

O acampamento, estabelecido há mais de sete anos em uma área de 429 alqueires, a cerca de 20 quilômetros da área urbana de Rondon, iniciou com 62 famílias e cresceu para aproximadamente 200 famílias, de acordo com a presidente do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Rondon do Pará.

No acampamento, acorda-se cedo para preparar a terra e fazer a capina, entre o plantio e a colheita, cria-se galinhas, porco, que também poderão ser vendidos posteriormente. “O trabalho é árduo, mas temos um grupo de produção que deixa o trabalho mais leve e mais produtivo”, diz Elisabete, que é líder dos acampados. “Nova Canaã é uma das melhores coisas que já me aconteceu. Pois temos um lugar pra plantar, colher e cultivar a terra. Parte de mim, tudo que eu sempre quis”, diz também Nailza Melo, uma das integrantes do

acampamento. Uma característica marcante é a recusa total ao uso de agrotóxicos e fertilizantes químicos por parte dos produtores. Essa escolha não apenas contribui para a conservação ambiental e biodiversidade, mas também reduz os riscos associados a produtos químicos agrícolas, promovendo ecossistemas saudáveis e resistência a pragas. “Gosto da agroecologia, tenho até um projeto de reflorestamento. Sobre o fertilizante, eu acho que ajuda, mas não fica um produto cem por cento puro e saudável. Uso mesmo é terra preta, tronco de palmeira casca de banana, casca de ovo, adubo”, diz uma das residentes do acampamento.

Pequenos produtores rurais no Brasil são responsáveis por aproximadamente 24,3% de todo o território cultivado (IBGE, 2017), sendo essenciais para a segurança alimentar do país. O acampamento se destaca como um exemplo notável de transição para uma agricultura

**"Temos um lugar pra plantar, colher e cultivar. Parte de mim, tudo que eu sempre quis."**

**NAILZA MELO**  
residente do acampamento

sustentável. Cerca de 67% das famílias fazem o uso de práticas agroecológicas há mais de 4 anos. Tais métodos representam um significativo avanço não só para a agricultura familiar, mas para o consumidor final que pode ter alimentos como por exemplo a banana, abóbora, batata doce e muitos outros completamente livres de agrotóxicos, alimentos vindos diretamente da agricultura familiar da Nova Canaã. “As famílias já tem um pré-cadastro do INCRA e em breve vai virar um projeto de assentamento”, disse Joelma Dias, vice-presidente do Sindicato Rural. Uma boa notícia, que traz conforto ao coração dessas famílias que já lutam há tanto tempo por essa terra que lhes foi prometida. “Estamos na luta e esperamos que em breve nosso acampamento seja reconhecido como um assentamento e assim estaremos a um passo do processo de emancipação do Estado”, pondera Elizabete Viana.

## AGRICULTORES RECLAMAM DA FALTA DE VISIBILIDADE DO MERCADO MUNICIPAL DE RONDON DO PARÁ

Por Bruno Matias

Nos últimos anos, os feirantes têm enfrentado uma considerável redução nas vendas de seus produtos no Mercado Municipal de Rondon do Pará, o que está diretamente relacionado à falta de visibilidade do local. Esse sofre com a carência de iniciativas para promovê-lo, resultando no impacto do Mercado não conseguir manter seu papel social para com seus munícipes.

Os entrevistados solicitaram anonimato para evitar represálias, portanto, serão utilizados nomes fictícios. Segundo os feirantes do Mercado Municipal, não há nenhum meio efetivo de divulgação local para estimular as vendas, exceto pelo apoio eventual do vereador Jacir Almeida, que utiliza suas redes sociais para divulgar os produtos às sextas-feiras, como explica dona Cezar. “Na verdade, é só mesmo o vereador Jacir que, às vezes, dá um apoio na sexta-feira, que utiliza das suas redes sociais para divulgar os nossos produtos, mas só isso mesmo. Está muito parado o Mercado. Nós não temos incentivo de ninguém para nos ajudar no comércio, para ver se melhora nossa situação, para sair melhor os



MERCADO MUNICIPAL >> Local que agrega feirantes do município.

produtos. Não ter uma divulgação para anunciar o mercado, para ajudar os feirantes, para melhorar a nossa situação. O sistema de trabalho de venda aqui é bem precário, que nós estamos vivendo aqui no mercado municipal”, conta.

Alguns feirantes possuem décadas de vivência neste comércio. Lembra-se do tempo em que a feira acontecia em frente à Praça da Paz, onde hoje está o Bradesco, depois migrando para o local atual do Banco do Brasil, até finalmente conquistarem um espaço próprio. Contudo, mesmo com toda essa experiência, afirmam nunca terem enfrentado uma

**"Estamos correndo atrás de uma emenda parlamentar com o senador Beto Faro e a deputada Dilvana".**

**ADRIANA ANDRADE**  
Prefeita de Rondon do Pará

crise como esta. É o caso de seu Junho, que relata dias em que mal consegue vender um único inhame. Para muitos, é dali que retiram o sustento de suas famílias. É lamentável constatar que esse local, tão vital para tantas pessoas, esteja sendo negligenciado pelas autoridades públicas.

Muitos dependem do mercado para o sustento e apontam que o espaço está sendo negligenciado pelo poder público. Os feirantes expressam vergonha pela situação em que se encontra esse patrimônio público, que deveria ser uma referência para visitantes e munícipes. “O Mercado poderia ser uma referência do município para visitantes e munícipes, mas não é o caso, temos vergonha de ter um Mercado nessas situações que se encontra este patrimônio público”, explica um feirante.

Ao realizar uma busca na internet, não encontramos iniciativas significativas para promover o nicho do mercado. Procuramos a gestora municipal para abordar a falta de visibilidade do mercado municipal. Ela destacou que pretende utilizar meios massificadores, como

o sistema radiofônico e as redes sociais, para divulgar a feira e estimular as pessoas a frequentar o espaço.

Questionada sobre a falta de apoio aos feirantes, ela respondeu que estão constantemente realizando a manutenção do espaço, como limpeza e reparos. Citou o caso recente da ventania, que danificou o telhado do Mercado e foi prontamente consertado. “Sempre estamos dando manutenção no espaço, como limpeza, e se quebra algo, consertamos, foi o caso da ventania que ocorreu recentemente, que tivemos que consertar o telhado do Mercado”, afirmou.

### RESPOSTA DA PREFEITA

A prefeita Adriana Andrade explicou que estão buscando uma emenda parlamentar além de um recurso submetido pelo vereador Adilson Torsol. “Então, estamos correndo atrás de uma emenda parlamentar com senador Beto Faro e a deputada Dilvana Faro, e um recurso que o vereador Adilson Torsol submeteu. A emenda parlamentar é no valor de R\$ 1,9 milhão para reforma e ampliação do Mercado Municipal”.

# PRÁTICAS ESPORTIVAS ENFRENTAM DESAFIOS EM RONDON DO PARÁ

OS DESAFIOS QUE ATLETAS RONDONENSES SE DEPARAM NOS DIVERSOS ESPORTES PELA FALTA DE VISIBILIDADE

ACERVO PESSOAL



QUADRA ESPORTIVA DOM PEDRO |>> Equipe feminina de voleibol rondonense

Por Jordânia Moreira e Reneida Nascimento

A busca por diversidade nas práticas esportivas no município de Rondon do Pará tem crescido nos últimos anos, contudo, há desafios significativos devido à limitação do município, que dispõe apenas de um departamento de esportes vinculado à Secretaria de Educação. Essa busca por variedade não é plenamente atendida, e diversos fatores influenciam na falta de avanços e investimentos mais expressivos.

Em entrevista com Antônio Fernandes, diretor de esportes do município e educador físico, foi destacado que Rondon do Pará ainda não possui uma secretaria de esportes, mas conta com o “Departamento de Desportos”. “O município de Rondon do Pará não possui ainda uma secretaria de esportes, no momento temos o “Departamento de Desportos”, que está vinculado com a Secretaria de Educação, o mesmo desenvolve projetos públicos”, conta. Fernandes, que assumiu o cargo recentemente,

expressou o compromisso de cumprir a agenda esportiva de 2023, atrasada devido a diversos fatores. Ele ressaltou que os planejamentos para 2024 terão início somente em dezembro, visando a definição de metas para o próximo ano. Ele declarou que, apesar do período pandêmico ter atrapalhado muito o desenvolvimento das práticas esportivas no município, em que ciclos foram interrompidos, projetos foram desfeitos, o momento é de reconstrução e retorno desses esportes.

Quando aos destaques esportivos na cidade, Fernandes mencionou que o futsal e o futebol têm maior visibilidade, devido à sua popularidade. Ele observou que a falta de espaços esportivos disponíveis resulta em treinamentos ocupando a maioria dos locais, enquanto atividades informais (“peladas”) também são comuns. No entanto, destacou que, fora da cidade, esportes como basquete, vôlei e especialmente handebol alcançam maior visibilidade e melhores

resultados, atribuindo isso ao trabalho sistemático e à organização de base. Os esportes individuais, como atletismo e natação, ainda são pouco praticados na cidade, enquanto o motociclismo vem crescendo notavelmente, com novas e diversas competições surgindo. Antônio Fernandes expressou sua esperança de que outras modalidades também apareçam futuramente.

Por outro lado, Ana Paula, moradora de Rondon, que já praticou handebol e atualmente joga vôlei, destaca que, apesar da prática esportiva, não observa grandes evoluções na área. Ela resalta a falta de reconhecimento e preferência por parte do poder público em relação a alguns esportes, citando a falta de atendimento a solicitações de patrocínio e desigualdade nos horários das quadras. Ana enfatiza a necessidade de igualdade independentemente de sua visibilidade, pois todos carregam o nome de Rondon. “O apoio deveria ser igual para todos”, enfatiza.

## CULTURA

# HÁ CULTURA INCLUSIVA EM RONDON DO PARÁ?

LAZER, ESPORTE E TRABALHO

Por Marcelo Geovanni

A cultura de inclusão é a realização da acessibilidade sem discriminação e padrão básico. Normalmente as dificuldades são criadas por nós mesmos, na fala, no tratamento e no pensamento em relação à pessoa com deficiência. Além disso, é uma pauta que deverá sempre ser discutida. Em Rondon do Pará, não é diferente. Nesse cenário, a cultura e a inclusão podem ser um caminho para a igualdade e a diversidade.

Rosa Peres, secretária de Cultura do município, desempenha um papel fundamental na promoção da cultura e na criação de oportunidades inclusivas para todos. Segundo ela, essa inclusão também está presente nas escolas, especialmente a de música, uma vez que os profissionais do ambiente escolar precisam se adaptar às necessidades do aluno. “Olha, é uma escola aberta. Eu sempre falo que nós atendemos aqui do miserável ao rico, então, todas as camadas sociais passam por esta escola. E nós temos alguns alunos com autismo e com baixa deficiência na visão, mas com deficiência física nós não temos. Nós sempre deixamos a escola aberta, pois é de todos e para todos, então se chegar uma criança aqui com deficiência ela vai entrar também e nós vamos ter que nos adaptar”, comenta. A secretária também fala sobre o Projeto Germinar, que atende uma ampla demanda de alunos, independentemente de suas condições socioeconômicas.

De acordo com Marcos Viana, 28 anos, repositor do Supermercado Caminho, a inclusão no trabalho é muito importante, pois isso dá a chance de pessoas com deficiência terem as mesmas oportunidades de qualquer outro cidadão.

“Tem muitas pessoas com deficiência que querem trabalhar, mas são poucas vagas no município para ocupar”, comenta.

Por ter deficiência física, Marcos explica que a cidade não é acessível para todos e que as calçadas altas e as ruas com buracos dificultam ainda mais a locomoção, além de impossibilitar a entrada em alguns ambientes. Mas, Marcos relata que se sente incluído no esporte, através do ciclismo, no entanto, a cultura de inclusão precisa melhorar pois não se trata somente dele, mas do próximo. “Eu não penso só em mim, mas nos outros também, porque nós somos uma família, quando um membro não participa nós sentimos a falta”, relata. Por outro lado, Rondon do Pará conta com Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) que possui uma cultura inclusiva, mas, de certa forma, limitada, pois somente os usuários podem usufruir dos benefícios.

Segundo Luiza Lopes, assistente social da Apae, os recursos utilizados para construir uma cultura inclusiva são: música, capoeira, esporte e atividades de lazer tanto para os usuários como para as famílias. “A cultura de inclusão da pessoa com deficiência é considerada um conjunto de valores e ações para que os PCDS sejam acolhidos e tratados de maneira justa e igualitária. Tais valores devem fazer parte da vida de todos da sociedade para que a inclusão aconteça de forma plena”, relata Luiza Lopes.

A assistente social ressalta que cabe ao poder público garantir o sistema inclusivo, oferecer recursos de acessibilidade e garantir pleno acesso do pcd em condições de igualdade, de acordo com a Lei 13.146/2015.

ACERVO PESSOAL



SECRETÁRIA DE CULTURA >> Rosa Peres durante entrevista dada ao repórter.